

O Palco PIEF foi um fato feito à medida. A medida foram os alunos a que se destinou bem como as necessidades educativas dos mesmos. A equipa técnico pedagógica teve necessidade de lecionar uma unidade didática – o texto dramático – mas também e cruzar as aprendizagens com uma estratégia de educação para a cidadania, elemento sempre presente e essencial numa estratégia educativa que passa pela inclusão. A maior valia deste projeto prende-se com a sua capacidade de cruzar aprendizagens de Língua Portuguesa, Inglês, Matemática, Artes Visuais e Educação Física e aplicá-las em situações concretas ligadas à consecução de uma obra artística, no caso, uma peça de teatro.

Todavia pensámos ainda que o produto final do projeto teria que ter qualidade pelo que o estabelecimento de parcerias que trouxessem profissionais de teatro à escola seria indispensável. Para que as aprendizagens surtisses maior efeito haveríamos de sair da escola, onde muitas atividades são encaradas pelos alunos como algo feito em laboratório e desfasadas da realidade que está na sua vida extraescolar.

Depois de uma fase inicial onde nos deparámos com alguma resistência por parte dos alunos que não conseguiam abarcar a necessidade das formações em artes performativas que lhes propúnhamos, o grupo foi paulatinamente ganhando consistência e responsabilidade individual, e posteriormente coletiva. Este sentimento de pertença a um grupo, com um objetivo comum, foi um dos maiores ganhos que estes jovens conseguiram e uma das maiores conquistas deste projeto, que nos permitiu trabalhar com estes jovens em sala de aula com um grau de cumplicidade muito maior e que, por via do respeito mútuo, eliminou praticamente atitudes de indiferença e indisciplina.

As artes performativas trouxeram ainda a sensação de reconhecimento público e dos pares, não por via dos maus comportamentos, mas por serem capazes de demonstrar capacidade de fazer “algo bem”. Convém ter em conta que estamos a falar de jovens que nem da família recebem estímulos positivos e, por isso, com uma auto-estima muito baixa.

A participação da ASTA no projeto trouxe, não só o “know how” de profissionais de teatro mas também uma agenda de contactos que nos permitiu mostrar o nosso trabalho em certames reconhecidos aos quais não teríamos acesso sem a ASTA. Assim, foi um acréscimo de

responsabilidade, de nervosismo mas também de estímulo, participar em festivais como o “contraDANÇA”, o “Ciclo de Teatro Universitário da Beira Interior” ou a MITEU (Mostra Internacional de Teatro Universitário de Ourense) ou a “ensinARTE – Mostra de Teatro Escolar da Beira Interior”. Este facto permitiu-nos ter um alcance completamente diferente dos objetivos inicialmente traçados, com um público muito mais vasto e diversificado mas também com um impacto muito maior na formação dos jovens. O PIEF do Teixoso definiu como lema as palavras “EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO, INCLUSÃO, CIDADANIA, + FUTURO. Estas palavras plasmam os objetivos e a forma de trabalhar com jovens em risco. As mesmas inserem-se na perfeição no Palco PIEF, um projeto delineado com fases bem definidas, com objetivos específicos a atingir em cada uma delas e com uma capacidade de superação que teve muito a ver com a junção de equipas de trabalho de dentro e de fora da escola que cruzaram experiências de vida, conhecimentos, formas de trabalhar e até espaços físicos.

Muito haveria ainda a dizer do Palco PIEF. Contudo, e na impossibilidade de melhor esclarecer todas as implicações do projeto, realço apenas que a arte foi o veículo escolhido para incutir auto-estima num grupo de jovens em risco de exclusão. Essa auto-estima foi decisiva na forma como cada um dos jovens se vê a si próprio hoje em dia e nos percursos educativos que escolheram após a conclusão do PIEF.